

ANITA SHREVE

A ILHA DOS  
DESENCONTROS

Tradução de Vasco Gato

Preciso de me libertar desta história. Trago-a comigo há muito tempo, um peso terrível.

Estou sentada no porto e olho em frente para Smuttynose. Uma luz rosa, uma mancha, abre caminho pela ilha. Desligo o motor do pequeno barco alugado e mergulho os dedos na água, deixando que o impacto do frio me envolva a mão. Mexo-a dentro das águas marinhas e penso que o oceano, este porto, é um repositório de segredos, elegia de si mesmo.

Já cá tinha estado. Há um ano. Tirei fotografias da ilha, da vegetação que se entrincheirara contra o tempo: carriços, murtas, azedas e valverdes dos sapais. A ilha não é árida, ainda que ressequida e batida pelo vento. É granítica e por todo o lado há saliências rochosas irregulares que cortam. Viver em Smuttynose terá exigido uma tenacidade particular, e posso imaginar as pessoas daquela altura entrincheiradas contra a força dos elementos, as suas raízes enfiadas nas fissuras das rochas como as plantas que subsistem ainda.

A casa em que as duas mulheres foram assassinadas ardeu em 1885. No entanto, quando cá estive há um ano, fotografei a planta da casa, o perímetro assinalado. Meti-me num barco e tirei fotografias aos rochedos esbranquiçados de Smuttynose, às gaivotas de asa escura que varriam as alturas sobre a ilha em busca de peixe que só elas conseguiam avistar. Da outra vez que cá estive, havia rosas amarelas e amoras silvestres.

Da outra vez que cá estive, algo terrível estava a conglomerar-se, embora eu não o soubesse.

Retiro a mão das águas e deixo que as gotas caiam sobre os papéis na caixa de cartão, já de si humedecidos nas pontas por causa dos salpicos. A luz rosa torna-se violeta.

Dou por mim a pensar que, se fosse possível contar uma história vezes suficientes para aliviar a dor, para fazer com que as palavras escorressem pelos meus braços como a água, eu contaria mil vezes essa história.

A minha função é gritar sempre que vir uma forma, um banco rochoso, uma ilha. Vou na proa e observo o nevoeiro. Olhando fixamente, começo a ver coisas que não existem realmente. Primeiro, ínfimas luzes cambiantes, depois diminutas e subtis gradações de cinzento. Terá sido uma sombra? Terá sido um vulto? E de repente, tão surpreendentemente que por consideráveis segundos nem sequer consigo falar, eis que tudo surge: Appledore, Londoners, Star e Smuttynose – rochedos que irrompem da bruma. Smuttynose, concreta, rasa com rochas desbotadas, agreste, silenciosa.

Berro. *Terra*, terei dito.

Por vezes, no barco, tenho uma sensação de claustrofobia, mesmo quando estou sozinha no gurupés. Não previ isto. Somos quatro adultos e uma criança obrigados a viver harmoniosamente num espaço equivalente a um pequeno quarto, espaço quase sempre húmido. Os lençóis estão húmidos, a minha roupa interior está húmida. O Rich, que tem o barco há anos, diz que faz parte de navegar. Dá a entender que aceitar a humidade, comprazer-se até de certa forma com ela, é um sinal de carácter.

O Rich trouxe consigo uma nova mulher, de seu nome Adaline.

O Rich dá ordens. O barco à vela é antigo, um *Morgan 41*, embora bem cuidado, a teca recebeu recentemente uma camada de verniz. O Rich pede o croque, grita ao Thomas para filar a bóia. O Rich abranda a velocidade do motor, inverte o sentido de marcha,

acelera ligeiramente, manobra o barco longo e esguio – esse espaço que se move pela água – rente ao ancoradouro. O Thomas debruça-se, apanha a bóia. A Adaline tira os olhos do livro. Vamos no nosso terceiro dia a bordo da chalupa: Hull, Marblehead, Annisquam e agora as ilhas Shoals.

As ilhas Shoals, um arquipélago, situam-se no Atlântico, quinze quilómetros a sudeste de Portsmouth, na costa de New Hampshire. As ilhas medem cinco quilómetros e meio de norte a sul, por dois quilómetros e meio de leste a oeste. Existem nove ilhas com a maré alta, oito com a maré baixa; White e Seavey estão ligadas. A maior ilha pareceu aos olhos dos seus primeiros residentes um porco gordo a chafurdar no mar, daí o nome Hog. Smuttynose, o nosso destino, derivou o seu nome de um amontoado de algas preso ao nariz de uma rocha que se projectava oceano adentro. Sempre se tratou de um nome desconcertante, embora os meus companheiros de viagem tivessem lido num diário de bordo, como se de poesia se tratasse: «Passámos hoje pelas ilhas de Star, Malaga, Seavey e Londoners; e contornámos com sucesso as rochas traiçoeiras de Shag, Eastern, Babb's e Mingo.»

Em 1635, as ilhas Shoals foram formalmente divididas entre a Colónia da Baía do Massachusetts, que incluía o Maine, e o território que haveria subsequentemente de ficar conhecido como New Hampshire. Duck, Hog, Malaga, Smuttynose e Cedar ficaram para o Maine. Star, Londoners, White e Seavey ficaram para New Hampshire. Tal divisão perdurou. Em 1635, aquando da adopção do decreto, quase todos os residentes de Star fugiram para Smuttynose, pois ainda era permitido por lei beber no Maine.

Leio em guias turísticos factos aterradores: na ilha de Star, em 1724, uma mulher chamada Betty Moody escondeu-se a si e aos seus três filhos numa caverna, para escapar aos índios. Agachou-se rente ao chão, segurando com força uma das crianças, uma menina, contra o peito. A Sra. Moody pretendia silenciar a bebé para que esta não denunciasses a localização de todos. Porém, após a partida dos índios, viria a descobrir que sufocara a menina.

O Rich parece um lutador: é todo musculoso e compacto. Tem a cabeça rapada e dentes perfeitos. Não o acho nada parecido com

o Thomas – um estranho capricho genético; separam-nos dez anos. O Rich faz cócegas impiedosas à Billie, até mesmo a bordo do barco pneumático. Ela guincha como se estivesse a ser torturada, depois queixa-se quando ele pára. O Rich palmilha o *Morgan* com uma elegância atlética, transmitindo a impressão de um homem para quem nada alguma vez se revelou complicado.

Vimos unicamente de Annisquam e chegamos de manhã cedo. Vejo o Thomas a dobrar-se sobre a popa para recolher a bóia de amarração. As pernas são claras, com volutas de pêlo castanho acima da parte de trás dos joelhos. Por cima dos calções de banho tem vestida uma camisa cor-de-rosa, com as mangas enroladas até aos cotovelos. É estranho ver o Thomas, o meu marido de há quinze anos, a realizar tarefas neste barco, fazendo de segundo imediato do irmão mais novo. Sem a sua caneta nem os seus livros, o Thomas parece desarmado, desorientado com o trabalho manual. Enquanto o observo, penso, como é frequente acontecer-me, que o meu marido parece ser demasiado alto para o que o rodeia. Dá a sensação de ter de se curvar, mesmo quando sentado. O seu cabelo, para o comprido, já quase descolorido, cai-lhe para a testa, e ele afasta-o com um gesto do qual gosto e que já vi milhares de vezes. Apesar da sua idade, ou talvez por causa dela, reparo por vezes que o Thomas fica perturbado com a presença do Rich e da Adaline, como aconteceria a um pai na companhia de um filho crescido e de uma mulher.

O que pensará a Adaline ao observar o Thomas? O meu marido é um poeta de primeira linha, uma espécie já de emérito na universidade, embora ainda só tenha quarenta e sete anos. A Adaline não é poeta, mas parece ter uma enorme admiração pela obra do Thomas. Pergunto-me se já conheceria os seus versos, ou se os terá aprendido para a viagem.

Quando há tempo, leio coisas sobre as ilhas. Carrego toneladas de papel na minha bolsa de fotografia – guias, relatos dos homicídios, uma transcrição do julgamento –, materiais fornecidos pela Pesquisa, que parece ter-se convencido de que serei eu a escrever a peça. Quando os homicídios tiveram lugar, em 1873, os jornais escreveram sobre esse crime, que viria a receber nos mesmos

jornais o epíteto de «o julgamento do século». Tornou-se uma expressão familiar deste Verão, enquanto assistimos a um espectáculo de tribunal que não tem feito senão entorpecer até os mais ávidos observadores. O meu editor julga que existe uma ligação entre os dois acontecimentos: um duplo homicídio com uma arma branca, um julgamento famoso, provas circunstanciais que assentam em dados factuais. Já eu considero que as semelhanças são poucas, embora uma revista possa achar o que muito bem entender. A mim pagam-me para fazer as fotografias.

As minhas ajudas de custo são sumptuosas, mas o Rich, que publica revistas técnicas, não quer ouvir falar de dinheiro. Sinto-me feliz por o Thomas se ter lembrado do irmão mais novo e do seu barco: não me agradaria nada ver-me assim tão próxima de um capitão ou de uma tripulação desconhecidos.

Há quanto tempo, pergunto-me, andarás o Rich com a Adaline?

Leio vários relatos dos homicídios. Espanta-me sobretudo a relatividade dos factos.

Quando penso nos homicídios, procuro conceber o que terá acontecido naquela noite. Imagino que terá havido um temporal, e que o vento levantado da água terá embatido contra o vidro. De vez em quando, ouço esse vento e consigo divisar a casa de madeira por baixo de uma nuvem alta e de uma lua cheia. Maren e Anethe estariam deitadas de costas de cada lado da cama de casal – ou será que se tocavam? – e na divisão ao lado Karen terá gritado de repente com o susto.

Ou terá sido o cão a ladrar primeiro?

Por vezes imagino que os homicídios terão sido algo de subtilmente elegante e belo, com braços delgados a levantarem-se, assustados, dentro de camisas de dormir, camisas de dormir brancas sobre a neve, as rochas afiadas e a ventania a fazer ondular a fina roupa interior como lençóis estendidos numa corda. Vejo um braço erguido junto a uma janela, a lua a desenhar borrões nos vidros, e uma mulher a chamar uma e outra, enquanto por baixo delas, à tona da água, as ondas fustigam rápidas e fortes a bateira.

Adoro ver a minha filha a andar pelo barco com o fato-de-banho enfiado no rabo, o tecido esticado sobre o corpo rechonchudo,

muitas vezes salgado quando lhe beijo o braço. Aos cinco anos, a Billie fica fascinada com a chalupa, um espaço com imensos esconderijos e sítios ótimos para arrumar os poucos brinquedos que pôde trazer. Dorme no beliche junto à portinhola para o convés. A Adaline e o Rich ficam na cabine da frente, privilégio do dono. Eu e o Thomas gozamos de menos privacidade, arrumados a meio do barco, numa cama em espaço aberto que se desfaz todas as manhãs para dar lugar a uma mesa de pequeno-almoço.

De vez em quando, descubro pegadas de areia da Billie lá em baixo. Areia no frigorífico. Será que o Rich se importa? Não me parece. O cabelo da Billie aclarou com o sol e não pára de se encarolar com a humidade. Reparo cada vez mais nas suas pupilas dilatadas e na forma como fazem com que os seus olhos pareçam quase pretos. Tem pestanas extravagantemente compridas que lhe exageram cada piscar de olhos. A perda dos dois dentes frontais superiores alargou-lhe o sorriso e provoca-lhe um ligeiro ceceio.

De manhã, ouço a Adaline e o Rich na cabine da frente: um rumor de tecidos, um murmúrio, movimentos rítmicos. Os sons emitidos pela Adaline são surpreendentes – guturais e por vezes descontrolados. Começo a pressentir os sons e afasto-me deles. Subo de roupão até ao poço. Pergunto-me se a Billie se assustaria se acordasse, receando que alguém estivesse a magoar a Adaline.

Julgo que Evan, que era o marido de Anethe, terá avançado com urgência na direcção da porta na manhã a seguir aos homicídios, impelido para diante por relatos do impensável, numa espécie de transe. A nuvem alta ter-se-ia dissipado por essa altura, e o sol estaria a bater nas rochas, começando a derreter a neve. Evan teria sido o primeiro homem a transpor a porta. Teria insistido.

Em 1852, Nancy Underhill, uma professora, estava sentada na saliência de uma rocha em Star quando uma onda a levou para o mar. O seu corpo foi encontrado, passada uma semana, no cabo Neddick, no Maine.

Hoje de manhã, depois de termos amarrado, a Adaline foi para o poço, mãos na cintura, sondando com o olhar a linha costeira de Smuttynose, como se algo profundo estivesse prestes a

ser-lhe revelado. Quando fala, possui um vestígio de sotaque irlandês, e a sua voz confere-lhe uma aura de autoridade que não reconheço necessariamente em mim. As suas palavras erguem-se, caem e afundam-se um pouco mais, regressando então a um ponto em que é possível escutá-las – como suave música sacra, costume pensar, ou como o melodioso embater da água contra o casco.

A Adaline move-se como uma dançarina, balouçando em busca de equilíbrio. De manhã, quando sobe as escadas e irrompe pela portinhola, parece que desliza até ao poço. Costuma vestir saias compridas de algodão fino, com blusas soltas que lhe caem em torno das ancas. Usa uma cruz dourada ao pescoço, jóia um pouco desconcertante para uma mulher da sua idade e estatura. A cruz seduz o olhar para a cova acima da clavícula, uma cova lisa e bronzeada. É como se ela tivesse em tempos usado a cruz, quando era criança, e se tivesse simplesmente esquecido de a tirar.

A Adaline, disse-me o Rich, trabalha para o Bank of Boston, num departamento internacional. Nunca fala sobre o seu trabalho. Imagino-a de fato, enquanto espera em portas de embarque nos aeroportos. Apresenta cicatrizes nos pulsos, linhas verticais ligeiramente tortas sobre a pele lisa, como se uma vez tivesse tentado delinear as suas veias com uma lâmina ou uma faca. Tem uma boca impressionante, com lábios cheios, bem desenhados e praticamente nenhuma curvatura.

Imagino por vezes que consigo ver Maren Hontvedt no final da sua vida. O papel de parede no quarto onde está sentada desbotou, embora esteja intacto. Tem uma touca de malha a cobrir-lhe o cabelo. Reparo na lânguida franja do xaile a dobrar-se no seu colo, a postura tranquila do seu corpo. O chão é de madeira, despido, e sobre a cómoda está uma bacia de água. A claridade da janela cai-lhe sobre o rosto e os olhos. São olhos cinzentos, ainda não esmorecidos, que conservam uma expressão que quem a conhecer saberia identificar.

Julgo que está a morrer e partirá em breve. Há pensamentos e memórias que amalha e saboreia, segurando-os como a uma fotografia amarelecida de um filho. A pele pende-lhe do rosto em

pregas, veludo enrugado da cor de hortênsias secas. Não foi uma rapariga bela, embora o seu rosto fosse agradável e ela fosse forte. A estrutura do seu rosto permanece a mesma, e é possível ver-lhe os ossos como se distinguíssemos o contorno de uma cadeira coberta por um lençol folgado.

Pergunto-me o seguinte: se pegarmos numa mulher e a levarmos aos limites, como se comportará ela?

Depois de amarrado o barco, o Rich oferece-se para me levar até Smuttynose no bote. A Billie implora para vir também. Tiro fotografias acocorada no bote, encostada a um dos lados do barco para me equilibrar. Uso a *Hasselblad* e uma teleobjectiva com filtro de polarização. De tempos a tempos, grito ao Rich que desligue o motor para diminuir as vibrações, ou gesticulo com a mão de maneira a que ele saiba que deve dar ao acelerador.

Há duas casas na ilha. Uma delas é uma pequena casa de madeira chamada Casa Haley. Não é habitável, embora seja de interesse histórico e possua uma enorme pureza estética. A outra é uma barraca com provisões rudimentares para náufragos.

O Rich encalha habilmente o bote no interior do desmornado quebra-mar de Smuttynose. A praia é pequena, estreita, enegrecida por pedras escuras e pedaços calcinados de madeira. O ar é revigorante, e entendo o motivo por que, anos atrás, se receitava o ar marítimo como tónico para o corpo. A Billie retira o colete salva-vidas e senta-se de pernas cruzadas sobre a areia, com uma *T-shirt* lilás que não lhe tapa a barriga por inteiro. O Rich já está bronzeado, tem as pernas, os braços e a cara cobertos por um uniforme vermelho-dourado. Traz um fio ao pescoço. Deixámos o Thomas e a Adaline no *Morgan*.

Nas ilhas Shoals, durante os meses de Inverno, nunca se abriam as janelas, nem se deixava que as crianças fossem para o exterior. Consequentemente, por alturas de Março, o ar no interior das casas apresentava-se viciado, pútrido e cheio de fumo, e as crianças mal conseguiam respirar.

O Rich dá a mão à Billie e leva-a pelo quebra-mar, para poder ajudá-la a procurar mexilhões por entre as rochas e metê-los no balde. Penduro a minha bolsa de fotografia ao ombro e dirijo-me

para a ponta de Smuttynose. O meu objectivo é dar meia-volta e enquadrar um plano da ilha inteira. No meu destino, a ponta mais oriental da ilha, existe uma rocha com a forma do topete de um cavalo. No interior dos pedregulhos quadrangulares fica um espaço abrigado, uma gruta marinha, onde a água chocalha na maré alta. As rochas são escorregadias, mas depois de deixar a minha bolsa de fotografia num ressalto seco, entalando-a numa racha para que o vento não a leve, rastejo como um caranguejo até à gruta marinha e agacho-me no seu interior. Em três dos lados à minha volta vejo os baixios e a água revolta, e abrindo para leste nada a não ser o oceano Atlântico. Ao contrário do porto e do local onde desembarcámos, este lado da ilha está desprotegido. Há líquenes na rocha e pequenas moscas levantam voo freneticamente sempre que uma onda se desfaz e lança salpicos.

Na rocha, que é conhecida como Rocha de Maren, fecho os olhos e procuro imaginar como seria ficar aninhada nessa gruta uma noite inteira no Inverno, no escuro, com a neve e temperaturas geladas, apenas com uma camisa de dormir e o calor de um cãozinho preto.

Rastejo para fora da rocha, raspando uma canela pelo meio. Recupero a minha bolsa de fotografia, que não saiu do sítio. Pego num rolo de película a cores, trinta e seis fotografias da Rocha de Maren. Percorro toda a extensão da ilha, avançando vagarosamente pelo meio da espessa vegetação que arranha.

A 14 de Janeiro de 1813, catorze marinheiros espanhóis naufragados, levados para Smuttynose por uma tempestade de Inverno, tentaram alcançar a luz de uma vela que ardia na janela do andar superior da casa do capitão Haley. Morreram num nevão a menos de quinze metros do seu objectivo e estão enterrados debaixo dos pedregulhos da ilha. Um dos homens conseguiu chegar ao muro de pedra, mas não foi mais além. O capitão Haley descobriu-o na manhã seguinte. Outros seis corpos foram achados a 17 de Janeiro, outros cinco a 21, outro foi descoberto «todo enclavinado no estreito da ilha de Hog» a 27, e o derradeiro corpo foi encontrado a 8 de Agosto. Segundo a *Boston Gazette* de 18 de Janeiro, a embarcação, *Conception* de seu nome, pesava entre trezentas e quatrocentas